

PENSAR E AGIR LOCALMENTE: A MEDIAÇÃO PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA, UM CAMINHO POSSÍVEL PARA ASSENTAMENTOS RURAIS?¹

Maristela Simões do Carmo²

Resumo: O fenômeno da globalização está diretamente associado à pobreza e à degradação ambiental, especialmente na América Latina. Pensar globalmente está intimamente associado à internacionalização do capital, e apesar do *slogan* Pensar Globalmente Agir Localmente ter se originado no mundo do *marketing* empresarial foi na ECO-92, no Rio de Janeiro, que se generalizou na formulação da Agenda 21 Global, como um instrumento para se construir o desenvolvimento sustentável. Refletir sobre mediação para novas propostas paradigmáticas passa pela abordagem multidisciplinar do desenvolvimento e, portanto, por um pensar local. Tendo os princípios da Agroecologia como marco teórico é possível colocar a diversidade biológica e sócio-cultural no centro do desenvolvimento que se pautem como sustentável, sem que isso implique em um isolamento da realidade mundial. Significa ter por base as necessidades sociais e ecológicas, e a potencialidade local dos recursos, ao propor modelos que privilegiem as pessoas que ali se encontram. O pensar globalmente acaba por submeter as decisões dos atores sociais, em especial os agricultores familiares, ao jugo do comércio global, fazendo-os atuar como agentes unicamente econômicos na defesa de interesses externos. Ademais, ao se respeitar a natureza e sua abrangência produtiva localizada, sob a ação social solidária e coletiva nos moldes de um

¹Este artigo foi originado da apresentação e debates da mesa "Mediação, Gestão e Políticas Públicas nos Assentamentos" durante o IV Simpósio sobre Reforma Agrária e Assentamentos Rurais: controvérsias e alternativas de desenvolvimento, em Araraquara de 9 a 11 de junho de 2010.

²Professora-adjunta da FCA/UNESP – Botucatu e professora-colaboradora do Programa de Pós-Graduação da FEAGRI/UNICAMP, stella@fca.unesp.br; stella@agr.unicamp.br.

desenvolvimento endógeno, é de se esperar que as interconexões locais contribuam fortemente na resolução dos problemas globais.

Palavras-chave: Desenvolvimento Endógeno; Agroecologia; Agricultura Familiar.

***Abstract:** The process of globalization is considered to be directly related to poverty and environmental degradation, especially in Latin America. The internationalization of capital has been closely associated with globalization and despite the fact that the slogan "Think globally, act locally" has been coined for the marketing world, at the 1992 Earth Summit in Rio de Janeiro (ECO-1992) the use of the slogan has become more widely known in the formulation of Agenda 21, as an instrument for sustainable development. Reflections on the practices of mediation towards new paradigm of sustainable development applying a multidisciplinary approach and, thus the concept "Think locally". Since agroecology draws upon basic ecological principles for its conceptual framework, the socio-cultural context of ecosystem and biodiversity valuation should be considered key issues of sustainable development, without incurring any unwanted consequences, as the isolation from the reality of the world. The means of achieving the desired goal of sustainability that meets social and ecological needs includes local resources and capabilities, aimed at encouraging residents to use the proposed moulds. However, the decisions of social actors, especially farmers, who were encouraged to "think globally", have suffered under the yoke of international market, which makes them to acting as agents only to protect economic interests abroad. Furthermore, while protecting the environment and localized food production in accordance with the social solidarity and collective action in an endogenous development mould, it is likewise expected that the local interconnections strongly contribute to solving global problems.*

Keywords: Endogenous Development, Agroecology, Family Agriculture.

"Nunca duvide de que um grupo de cidadãos comprometidos e preocupados possa mudar o mundo. Na verdade, esta é a única forma de mudança que pode dar certo"

Margaret Mead

Introdução

O tema globalização está diretamente associado à pobreza e ao desenvolvimento rural, especialmente nos países da América Latina. Refletir sobre a mediação às novas propostas paradigmáticas passa pela abordagem multidisciplinar do desenvolvimento, o que nos remete às tentativas de absorver um novo paradigma para o campo.

A crise ecológica é parte de uma crise civilizatória pela qual passamos hoje e vai precisar de um novo padrão, um novo modelo de evolução das sociedades contemporâneas, sob pena de inviabilizarmos a vida no planeta.

Nos anos 1970/1980 ouvimos insistentemente, e ainda ouvimos, o *slogan* "Pensar Globalmente e Agir Localmente" e nunca nos perguntamos se ele atende realmente às necessidades terceiro-mundistas de desenvolvimento.

Essa expressão, embora tenha surgido na área de *marketing*, a partir das idéias de Phillip Kotler³ quando se pensava na expansão do comércio internacional, também foi apropriada pelos militantes do movimento ambientalista e, por tantos outros, vigorando até hoje. Porém, é tempo de fazermos uma reflexão e questionamentos mais profundos sobre essa máxima dos anos 1980, principalmente no que diz respeito aos agricultores familiares, assentados rurais e outras comunidades tradicionais que estão à margem do desenvolvimento.

Esse pensamento tinha e tem até hoje, a intenção de difundir tecnologias geradas nos países centrais, induzindo aqueles em desenvolvimento a aceitar a base técnica e padrões de consumo do chamado primeiro mundo, e mais, agora com a preocupação (menor é verdade) de incluir as diferenças das especificidades regionais/locais. Mas isso sem comprometer a reprodução, dita "sustentável", das condições originais de valorização da "tecnologia global". No fundo a globalização, ou se quisermos, o aprofundamento das conexões internacionais, conduz a uma racionalidade global dos desejos mercantilistas do capitalismo, que vão ditar quais são as necessidades que o mundo interconectado deve ter.

Um exemplo emblemático dessa racionalidade diz respeito ao Mc Donald's

³Phillip Kotler foi professor de Marketing Internacional na cadeira S.C. Johnson & Son da Kellogg Graduate School of Management, Northwestern University em Chicago. Considerado o pai do marketing, cunhou a idéia de Pensar Globalmente e Agir Localmente, com a intenção de vender junto com os produtos propagandeados, a preocupação com o meio ambiente e os costumes locais das populações de diferentes países. Foi, realmente, um pioneiro ao analisar as reais potencialidades da globalização, a partir do local, mas com o olhar no comércio internacional.

que usou muito esse slogan com o Big Mac, da sua rede de *fast-food*. Esse é um sanduíche vendido em mais de 100 países de forma absolutamente padronizada. Porém, na Índia, onde não se come carne bovina, o Big Mac é feito com carne de carneiro, visto que a vaca é um animal sagrado para a maior parte dos indianos.

O McDonald's pensa globalmente mas age localmente, "respeitando" a cultura de cada país. De acordo com seus dirigentes os

países e as pessoas do mundo são diferentes, isso significa que uma técnica de marketing bem sucedida em um país não irá automaticamente funcionar em outro". Daí "é importantíssimo saber como ajustar o conceito a um produto ou negócio em particular, ou seja, precisamos ter a capacidade de PENSAR GLOBALMENTE E AGIR LOCALMENTE. O "produto global" pode ser o mesmo em todos os lugares e ainda assim diferente. <http://icom2009.blogspot.com/2009/03/pensar-globalmente.html> (acesso em 10 de abril de 2011)

Esse slogan foi adaptado para o pensamento ambientalista, principalmente no que se refere às alterações globais, sendo o exemplo mais importante as mudanças climáticas, com proposta de soluções, via mecanismos de desenvolvimento limpo – MDLs, para os seqüestros de carbono. Com isso, o movimento ambientalista abraçou esse slogan sem questionar o modelo de desenvolvimento proposto pela economia globalizada e países centrais, atribuindo ao mercado as soluções para os problemas ambientais, inclusive o aquecimento global.

Hoje, a globalização, com uma roupagem centrada em atitudes pretensamente corretas do ponto de vista ambiental, apregoa tecnologias com possibilidades de exploração intensiva dos recursos naturais numa visão que se diz preservacionista, mas que não se desliga do mercado enquanto instância regulatória máxima para internalizar custos e realizar lucros. Mas, será que o mercado tem estofo para impedir os desequilíbrios ecológicos e a destruição cultural de sociedades e populações tradicionais?

Globalização e o Pensar Global: Caminhos na contramão da sustentabilidade

O que significa pensar globalmente? A quem serve pensar e agir globalmente?

O pensar globalmente está intimamente associado ao fenômeno atual da

internacionalização do capital, melhor expressado como globalização⁴, mas que de fato aprofunda a hegemonia dos países desenvolvidos na produção e distribuição da riqueza. Essa é uma dinâmica em que há a necessidade crescente de criação e expansão de mercados, da ampliação da produção e consumo de bens e necessidades ditadas pelas regras e costumes dos países hegemônicos. A globalização serve muito mais ao comércio globalizado do que ao meio ambiente. A "Aldeia Global" nos dá a sensação de que o mundo ficou menor e isso em tempo real.

No entanto, as promessas que serviram de suporte à globalização foram refutadas por muitos economistas e sociólogos, inclusive pelo prêmio Nobel de Economia 2001, Joseph Stiglitz⁵, que nos mostra que a nova ordem econômica mundial, com menos desigualdades e injustiças, não aconteceu sob a égide da globalização e, muito pelo contrário, transformou o que poderia ser uma força propulsora para a sustentabilidade no ideal da unicidade do desenvolvimento.

A unicidade da verdade científica, em contraponto a uma pluralidade de vias de desenvolvimento, causou mais concentração, miséria, desemprego e exclusão social. E concretamente, hoje, pensar globalmente é pensar o comércio internacional, gerenciado pelo capital financeiro em seus movimentos especulativos. Globalização é comercializar tudo o tempo todo em toda parte do mundo.

Nessas circunstâncias, mesmo quando cooptado pela visão ambientalista, o Pensar Globalmente significa entregar às relações comerciais, em mercados específicos, as soluções para problemas de caráter global como vender créditos de carbono aos países que não querem diminuir suas próprias emissões de CO₂ e nem abrandar sua pegada ecológica.

Na realidade há uma saturação do termo globalização enquanto pensamento único e homogeneizante. Segundo Leff (2002, p.6), esse slogan acabou se convertendo

⁴A globalização, enquanto fenômeno recente, é um processo de aprofundamento das relações internacionais entre os países, interligando o mundo nas questões políticas e econômicas, tendo ainda implicações sociais e culturais. Esse fenômeno foi impulsionado pela revolução nas comunicações e transportes, supondo a generalização dos benefícios da tecnologia a todos indiscriminadamente, pobres e ricos. Acabou se constituindo num movimento gerado pelo capitalismo para a expansão dos mercados dos países centrais já saturados em seus mercados internos.

⁵STIGLITZ, J. E. **A globalização e seus malefícios: a promessa não cumprida dos benefícios globais**. São Paulo: Futura, 2002.

numa armadilha para gerar um pensamento único sobre nosso futuro comum:

Por ello el slogan "pensar globalmente y actuar localmente", tan tenazmente promovido por el discurso del desarrollo sostenible, ha sido en realidad una artimaña para generar un pensamiento único sobre "nuestro futuro común", ante los retos del desarrollo sustentable alternativo, induce en las culturas locales un pensamiento global que no es otro que el discurso economicista del crecimiento sostenible, cuando el reto de la sustentabilidad es pensar las singularidades locales y construir una racionalidad capaz de integrar sus diferencias, asumiendo su inconmensurabilidad, su relatividad y su incertidumbre.

Segundo esse autor, as saídas propostas que não trazem o olhar econômico do mercado como solução para todos os problemas, inclusive os ambientais, está na "política da diferença", da necessidade do diverso, do direito de ser diferente. Deixar à mostra as singularidades existentes, emergir para uma racionalidade ambiental que nos leve a repensar a produção e a distribuição a partir dos potenciais do ambiente natural e os significados que as diferentes culturas lhes apontam. É preciso dialogar com a natureza e com os homens que com ela convivem.

A reafirmação da identidade em paralelo à globalização traz o território como o espaço social em que os atores têm maior compromisso com a realidade, as verdadeiras ligações com a natureza e o mundo no qual estão inseridos. É o lugar onde vão disputar o poder para mobilizar projetos de construção da identidade cultural, reconhecimento da autonomia (PLOEG, 2008) e do domínio sobre o uso e manutenção dos recursos naturais.

Si la economía global genera el espacio donde las sinergias negativas de la degradación socioambiental hacen manifiestos los límites del crecimiento, en el espacio local emergen las sinergias positivas de la racionalidad ambiental y de un nuevo paradigma de productividad ecotecnológica (LEFF, 2002).

A luta pelo direito de ser diferente, segundo esse autor, está emergindo da saturação das promessas da globalização frente aos limites impostos pela natureza, e mais, como resistência ao aprisionamento de seres diversos a um pensamento único e homogêneo.

O desafio também se coloca na qualidade do desenvolvimento para além do consumo e da redução das desigualdades sociais. A ausência de oportunidades e de acesso aos recursos, o desenvolvimento como liberdade, nas palavras de Amartya Sen (2000), a fome e a pobreza, levam à desintegração social e perduram na insustentabilidade das práticas globalizadas de desenvolvimento impostas pela economia mundial.

E daí vem à idéia de, se quisermos ajudar o meio ambiente global, pensar e agir localmente tem, de fato, o potencial regenerador da diversidade biológica e cultural. A diversidade e o direito de ser diferente trazem autonomia aos povos, o ponto central de um desenvolvimento endógeno com base na Agroecologia.

Agroecologia como Marco Teórico para Transformações: o resgate das práticas agrícolas tradicionais, o acento na diversidade

Primeiramente, precisamos conceituar o que seja a Agroecologia, para que não haja interpretações errôneas. Não se trata de confundir Agroecologia com agriculturas de bases ecológicas, associação linear feita frequentemente pela grande maioria das pessoas. Trabalhando com a conceituação de Caporal e Costabeber, 2002, entendemos a Agroecologia como:

o campo do conhecimento que proporciona as bases científicas para promover a transição do padrão de agricultura convencional para estilos de agriculturas ecológicas, na direção de também transformar o modelo convencional de desenvolvimento para modelos sustentáveis de Desenvolvimento Rural.

Pensamos então a Agroecologia, não apenas como uma base técnica de produção de agricultura "limpa" de insumos químicos (condição necessária para uma outra agricultura, mas não suficiente), mas sim como uma proposta para se galgar um desenvolvimento sustentável para o campo brasileiro, incluindo aí suas populações mais pobres.

É vista então como uma nova abordagem científica, de caráter multidimensional, uma vez que busca a contribuição das várias disciplinas do conhecimento para construir seu corpo teórico, procurando o novo das interações disciplinares. Nesse enfoque, a unidade de estudo da Agroecologia, o agroecossistema⁶, é por si só o

⁶O agroecossistema é visto como um produto social da comunhão homem-natureza, configurando histórias co-evolutivas diferentes dependendo das condições sócio-culturais e ambientais.

locus de complexas relações entre seres vivos e o meio abiótico, o que nos indica os limites dos elementos naturais na exploração para a produção de bens e serviços da sociedade contemporânea.

A matriz do conhecimento agroecológico interliga dois princípios fundamentais, quais sejam, a preservação e ampliação da biodiversidade dos agroecossistemas na direção da 'saúde ecológica' e a preservação da etnodiversidade das populações, 'a saúde cultural'. A incorporação do conhecimento acumulado das populações tradicionais na evolução conjunta do homem e da natureza na matriz epistemológica da Agroecologia deixa claro a importância de outros saberes que não somente aquele da ciência moderna oficial.

O etnoconhecimento tem um papel primordial na inovação e geração de tecnologia, uma vez que está ligado ao conhecimento de gerações no manejo do agroecossistema no qual estão inseridos, trazendo contribuições tecnológicas na solução dos problemas locais e, conseqüentemente, propiciando menor impacto na exploração dos recursos naturais e maior autonomia à comunidade.

A abordagem agroecológica incentiva os pesquisadores e extensionistas a penetrarem nas práticas, no saber empírico dos agricultores e populações tradicionais, resgatando seu conhecimento para desenvolver agroecossistemas com dependência externa mínima de insumos químicos e energéticos. A revalorização e o resgate das práticas agrícolas tradicionais, com muito mais pertinência, podem contribuir para geração de novos conhecimentos orientados ao desenvolvimento de uma agricultura assentada em bases ecológicas e menos dependente de inputs industriais intensivos em capital. O que significa agregar a sabedoria popular nas investigações científicas.

Em resumo, entendemos que para desenhar modernos sistemas agrários sustentáveis, com base em agroecossistemas singulares, a Agroecologia parte de que é necessário compreender o funcionamento dos ecossistemas naturais e revalorizar os conhecimentos e capacidades dos atores locais.

Nesse contexto, a transição se orienta por meio de um modelo de desenvolvimento com características endógenas, ou seja, aquele cujas bases se assentam na potencialidade do local. Endógeno, nesse caso, se refere aos ganhos associados aos valores do local estabelecidos sobre os recursos ali existentes, de tal sorte que a decisão das escolhas, o comando e os resultados do processo sejam parte e fiquem no lugar, exprimindo um processo auto centrado. Não se trata do isolamento do resto do mundo, mas sim de acrescentar as características ecológicas e as identidades culturais na formatação do desenvolvimento, fazendo com que as escolhas e o domínio do processo estejam na localidade.

Esse modelo é, portanto, caracterizado pelo conjunto de recursos que vão gerar estratégias na promoção do desenvolvimento local em bases permanentes em função dos agroecossistemas particularizados, situando-se na capacidade do lugar de gerar diversidade de opções de desenvolvimento sustentável.

A verdadeira evolução se manifesta e se efetiva nas alterações de paradigmas que melhor interpretem a realidade no tempo e no espaço em questão. É, de fato, o resultado de uma complexa construção social localizada, em que pesem todas as pressões do processo global da internacionalização do capital.

Desenvolvimento Endógeno: o potencial local na geração de CT&I

O potencial local de desenvolvimento está incorporado na visão do desenvolvimento endógeno como um dos pontos chave da Agroecologia, para a qual a sustentabilidade só adquire sentido através da clarificação teórica de tal conceito. Desde a Agroecologia o endógeno é um repertório cultural e ecológico próprio surgido de uma relação entre o homem e a natureza.

A autêntica dimensão do endógeno aparece nos processos de trabalho e nas instituições sociais geradas em torno a eles. A Agroecologia pretende ativar tal potencial 'de dentro' com o objetivo de produzir novas respostas e de fazer ressurgir as antigas, se estas forem sustentáveis. Desta perspectiva, o endógeno é algo dinâmico que digere o de fora mediante a adaptação à sua lógica etnoecológica de funcionamento (CASADO, MOLINA, SEVILHA-GUZMÁN, 2000).

Ao pensarmos nas influências de uma matriz tecnológica exógena, respaldada pelos princípios globalizantes de crédito, assistência técnica e mercantilização da produção agrícola, deixamos de lado as práticas locais de agricultores e sociedades camponesas, que possam se apoiar num modelo particular, para em contextos específicos, construir estratégias de superação atreladas fundamentalmente aos recursos ali disponíveis. Pensando em um "paradigma endógeno", a capacidade criadora e a inovação são condições necessárias para diminuir ao máximo a dependência da matriz exógena na produção agrícola, ficando, ao mesmo tempo mais amoldada ao ecossistema e utilizando melhor o trabalho humano.

Porém, é bom esclarecer que desenvolvimento com base no potencial endógeno não significa o isolamento das localidades e seus territórios, mas sim a oferta de produtos obtidos com as características locais na promoção de uma coerência entre elementos internos e externos ao agroecossistema, na direção de harmonizar recursos sociais, econômicos, culturais e ecológicos. Não há, portanto, ausência de elementos de fora, pois o processo pressupõe um diálogo

constante entre ambientes internos e externos.

Nesse modelo, desenvolvimento é aquele onde os elementos locais são a referência para promover uma nova integração entre os elementos tradicionais e os do exterior, buscando conciliar as condições ecológicas, socioculturais e econômicas da localidade. Mesmo dentro de uma globalização em níveis exacerbados, as escolhas e o controle do desenvolvimento devem ser locais e os benefícios adquiridos devem lá ficar. Nesse sentido, há muito mais a preocupação de acrescentar as características ecológicas e as identidades culturais na localização do desenvolvimento, do que um isolamento do resto do mundo, muito embora dentro dessa concepção, esteja implícita a vontade de não tornar as localidades meros apêndices dos processos globais.

É óbvio que não se trata apenas da produção e comercialização dos produtos da agricultura, aspectos em que a globalização impõe práticas, na maioria das vezes incompatíveis com as realidades locais, mas de se analisar as interfaces entre globalização e localidade como resultado de complexas interações entre atores na direção de criar espaços de manobra para propostas de programas e projetos que considerem, inclusive, as relações de poder existentes. Porém, mesmo na perspectiva endógena do desenvolvimento rural é preciso um esforço para que não nos tornemos consumidores de modelos culturais amalgamados pelo mercado.

Para Remmers (2000) o desenvolvimento endógeno é um

processo social em que as pessoas progressivamente percebem que têm um maior controle sobre a direção de suas vidas, num esforço para expressar e fazer valer, dentro de um contexto global e articulando-se com ele, a peculiar qualidade de seu lugar de vida, tanto na sua vertente de recursos naturais e humanos como na vertente de controle do processo de desenvolvimento.

O potencial da localidade se situa na capacidade dos atores que lá residem de gerar diversidade de estratégias a partir do conjunto de recursos disponíveis, culturais e ambientais, que podem ser utilizados para o desenvolvimento, sem esquecer dos vínculos com o mercado e as diferentes políticas a que estão sujeitos. Assim, é no sentimento de localidade que afloram as condições para se observar o potencial endógeno e se buscar soluções singulares e diferenciadas, com base nas forças sociais do lugar que, se devidamente acionadas podem alavancar iniciativas mais condizentes com um desenvolvimento sustentável.

Tanto as especificidades sociais quanto as formas de apropriação dos recursos

naturais têm a finalidade de orientar as pesquisas por tecnologias mais condizentes com as possibilidades dos agroecossistemas singulares, únicos, particularizados. É, portanto, um desenvolvimento de técnicas para as condições de produção localizadas, num processo interno de mudanças que impulsiona e fomenta a capacidade dos atores na exploração dos recursos naturais.

Para os agroecologistas, o equilíbrio dos agroecossistemas, no que diz respeito às diversas interações entre o solo, plantas, luz solar, umidade, fauna (micro, meso e macro), que co-habitam aquele espaço, é que vai originar o vigor daquele ambiente para gerar sua própria fertilidade e reagir às pragas e doenças (ALTIERI, 1999). Logo, o potencial de geração de tecnologia está diretamente associado ao conhecimento dos agroecossistemas como um produto social da comunhão homem-natureza para que tenham seu equilíbrio restabelecido por meio dos princípios agroecológicos e de orientação tecnológica adequada.

Segundo os autores que trabalham com as bases epistemológicas da Agroecologia, não existem verdades universais na aplicação tecnológica das ciências agrícolas e humanas, uma vez que cada agroecossistema se desenvolve com uma história co-evolutiva diferente (NORGAARD, SIKOR, 1999). A natureza das partes só é esclarecida no contexto da evolução conjunta da sua totalidade, o que não quer dizer que se rejeite a ciência analítica convencional, visto que é da composição desta com o conhecimento tradicional que a Agroecologia busca seu embasamento epistemológico.

A inovação tecnológica, então, não se dá uniformemente para todos os agroecossistemas, mas tem a ver com as características do ambiente natural, base do processo produtivo. E é aí que entra o conhecimento empírico das pessoas que conviveram naquele local, podendo, portanto, aflorar na prática a potencialidade daquele agroecossistema para a produção agrícola. E isso em perfeita consonância com o que há de mais avançado na ciência agrônoma para a obtenção de melhores produtividades com sustentabilidade agroecossistêmica.

A compreensão do funcionamento desses sistemas possibilita integrar os princípios ecológicos, agrônomicos e sócio-econômicos para avançar no âmbito da CT&I, com tecnologias adequadas tanto aos sistemas agrícolas quanto às populações que os exploram. Aí reside o significado do potencial endógeno, pois ao agirmos de acordo com as características dos agroecossistemas, na busca da maior resiliência ambiental, estaremos buscando tecnologias que atuam o mais próximo possível das condições naturais locais.

Tecnologias com estas características comprometem bem menos a qualidade

dos recursos naturais, em especial o solo e mantêm a produtividade em níveis perto do ótimo da sustentabilidade do ecossistema. Ademais, tem a tecnologia como um instrumento para o desenvolvimento rural sustentável, voltado às demandas sócio-ambientais. Portanto, para avançar no âmbito da CT&I na agricultura sustentável, é essencial reavivar a potencialidade específica de cada agroecossistema, integrando os princípios ecológicos, agronômicos e sócio-econômicos, tendo como referência que a tecnologia voltada às demandas sócio-ambientais é um instrumento para o Desenvolvimento Rural Sustentável.

As estratégias como "*arte de explorar as condições favoráveis com o fim de alcançar objetivos específicos*" (Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa) fluem por meio da articulação do saber local com o conhecimento científico, o que possibilita, com muito mais propriedade, o surgimento de sistemas agropecuários de bases ecológicas, potencializadores da biodiversidade e da diversidade sociocultural.

Os pesquisadores e técnicos agroecológicos levam em consideração, nas suas atuações junto às comunidades, o forte sentimento de localidade dos agricultores, de pertencer a um sítio, paragem ou região. Nesse sentido, é intenso o chamamento de alguns movimentos sociais quando adotam como *slogan* de suas campanhas "terra para trabalhar e morar", "local de trabalho e vida", ou ainda "solo para produzir, terra para viver e deixar para os filhos".

No âmbito deste trabalho, o potencial endógeno encontra espaço nas possibilidades locais de gerar alternativas de estratégias de desenvolvimento rural nos eixos multidimensionais da sustentabilidade, sem deixar de pontuar na capacidade de recriar as condições de existência da agricultura familiar, o segmento social *par excellence* para atuar na quebra do paradigma da modernização conservadora. Modelos endógenos de desenvolvimento e políticas públicas de extensão rural, em conexão com a Agroecologia, são, sem dúvida, mais adequados para a evolução dos agricultores familiares, assentados rurais e comunidades tradicionais.

A Mediação Para a Transição Agroecológica: Novas perspectivas para o desenvolvimento rural

Como então praticar uma mediação para a transição agroecológica? A resposta nos parece está na alteração do *slogan* Pensar Globalmente e Agir Localmente, para "Pensando e Agindo Localmente".

Existem processos de ecologização da agricultura em curso por meio da disseminação de estilos de produção ambientalmente mais amigáveis, que também

auxiliam os agricultores a se contraporem à exclusão social e econômica a que estão sujeitos. Gliessmann, (2000), propõe a transição para a Agroecologia enquanto sistema produtivo em três etapas:

- a) diminuir a dependência dos insumos externos químicos na produção usados pela cartilha da modernização conservadora;
- b) substituir esses insumos;
- c) redesenhar os agroecossistemas com base nos princípios agroecológicos da potencialidade do local.

A Agroecologia, como campo da produção do conhecimento, está voltada à aplicação de seus pressupostos no estabelecimento de novas formas de relação entre sociedade e natureza e na organização social dos agricultores, respeitando as culturas locais. Tem uma abordagem multidisciplinar através do qual rompe com o método da forma única e fragmentada da ciência convencional. O processo de transição implica em mudanças tecnológicas e sociais, resultado de estratégias de personagens e grupos comunitários, surgidas da confrontação de interesses distintos e contraditórios.

A mediação enquanto processo pelo qual uma ou mais pessoas, o(s) mediador(es), se interpõem na resolução de problemas ou conflitos, auxiliando outras pessoas a construir uma resposta, é, na forma de ver da Agroecologia, instrumento importante para a construção do desenvolvimento rural sustentável.

O mediador para a transição agroecológica é, na realidade, um facilitador do processo de destruição de formas de produção da modernização conservadora e construção de um outro modelo que leve em consideração a endogenia local no desenvolvimento.

A mediação a ser feita é, então, no sentido de desenvolver a potencialidade endógena do local para a transição por meio de estratégias que conduzam às mudanças tecnológicas, organizacionais e sociais dos múltiplos atores em confrontos e disputas conflituais.

Na Agroecologia, a transição é o processo social orientado à obtenção de níveis mais equilibrados de produtividade, estabilidade e equidade na atividade agrária, utilizando estilos mais respeitosos com o meio ambiente, efetuadas pela ação social coletiva. Essas formas de ação social elevam o grau potencial transformador do desenvolvimento endógeno, são importantes na mobilização dos atores locais, abrindo espaço para um maior protagonismo e participação na formulação de alternativas com base nas suas necessidades, capacidades, potencialidades e limitações materiais, naturais e humanas.

Considerando que as forças sociais existentes na localidade são heterogêneas,

de maneira que são gerados diversos estilos de manejo dos recursos naturais, alguns incorporam acriticamente o ambiente da modernização e outros os repelem por ser agressivos e anti-éticos. Podemos pensar a Agroecologia como catalizadora da energia dos elementos de resistência específicos de cada local, por intermédio de *performances* sociais coletivas que possuem uma potenciação endógena transformadora.

Estratégias podem ser efetuadas por meio da atuação da coletividade para fortalecer o intercâmbio de experiências ecológico-ambientais entre os agricultores e entre estes e os agentes mediadores na busca do procedimento de câmbio tecnológico e organizacional. O mediador tem que cultivar e incentivar as táticas associativas e as ações conjuntas, procurando recriar as condições favoráveis de existência dos agricultores e agindo na interação entre os processos de ecologização e de ação social coletiva. A mediação exercida pelos agentes do Estado e da sociedade civil precisam ir na direção do último nível da transição, o de redesenhar os agroecossistemas locais alterados pela agricultura moderna para restabelecer o equilíbrio social e ambiental em direção à sustentabilidade.

Ao pensarmos globalmente para agirmos localmente estaremos atendendo às necessidades do comércio internacional, sujeito apenas às determinações do mercado e seus preços. Voltados a essa máxima, é muito mais provável que estejamos destruindo os recursos naturais do ecossistema produtivo e, com muita probabilidade, as condições sociais e econômicas dos atores locais. Pensando globalmente não vamos mudar o padrão de desenvolvimento no que se refere ao meio ambiente, muito menos na questão social. É fundamental subordinarmos os avanços técnicos aos valores éticos e objetivos da sociedade, em especial os menos favorecidos.

Em resumo, a mediação exercida pelo extensionista agroecológico, uma vez que a unidade básica é o agroecossistema, tem que caminhar em direção ao redesenho da paisagem produtiva, não apenas na substituição tecnológica de insumos na produção, fato que nos remete a pensar localmente e agir localmente.

Considerações Finais

A sobrevivência em níveis globais, presa ao lema pensar globalmente e atuar localmente, não tem gerado tendências claras para atingir as metas do desenvolvimento sustentável. Os mecanismos de mercado não dão conta de materializar economias menos entrópicas na direção da menor degradação ambiental, e muito menos em relação ao posicionamento da humanidade para uma lógica mais distributiva e incluyente.

A deterioração ambiental e a desigualdade social, fortemente articuladas são macrotendências globais inquestionáveis e seria de se esperar que uma agenda mais responsável das lideranças econômicas mundiais levasse em conta políticas nacionais pró-ativas no apoio aos programas que contribuam para autonomia e valorização das populações locais.

Não se nega a influência mútua localidade - globalização, mas precisamos pensar as formas de articular a produção agrícola como potencial produtivo endógeno e as múltiplas maneiras de se desenvolver o meio rural. Um novo projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável passa pelo redesenho de uma nova agricultura, menos dependente de insumos químicos externos à nossa realidade biofísica e sócio-cultural.

A Agroecologia constitui-se num forte instrumento de ruptura da visão unicista da ciência convencional, porque pressupõe o emprego da transdisciplinaridade, instala questionamentos e possibilidades diversas, valida os conhecimentos tradicionais das populações e procura redesenhar os agroecossistemas alterados pela agricultura moderna no sentido de restabelecer o equilíbrio social e ambiental em direção à sustentabilidade. Com isso, não queremos afirmar que negamos a importância de se avançar no conhecimento científico e na inovação para se garantir os objetivos de maior produtividade e sustentabilidade.

No seu contraponto ao agronegócio, a Agroecologia propõe práticas de resistência da agricultura familiar ao processo de exclusão que lhes sujeita a modernização.

Nas relações produtivas entre homem-natureza, as práticas agroecológicas estão em conformidade com os agricultores familiares e assentados, numa nova configuração de sistemas produtivos complexos e adaptados às condições locais, e enquanto paradigma científico comprometido com as demandas populares. Baseia-se nas dinâmicas da natureza e do homem como participante intrínseco desse processo e coloca a vida como valor supremo, o que pode representar uma força potencial de transformar a sociedade na busca da sustentabilidade.

No contexto de sustentabilidade, a dimensão local do desenvolvimento é o contraponto necessário à dimensão global. O desenvolvimento endógeno de cada agroecossistema, ao procurar ir além da constatação das carências e dos problemas, se dirige às potencialidades locais das soluções possíveis. A noção de território proporciona as oportunidades de inclusão da localidade no global, pelas chances de desenvolvimento de potencialidades particulares que adquirem visibilidade e se valorizam.

Se o agroecossistema é a unidade básica da Agroecologia, então temos que

pensar e agir localmente, porque assim, estaremos contribuindo para a eficiência global no que se refere à exclusão social e à questão ambiental. Não podemos separar o pensamento local do global, mas podemos, a partir das interconexões das ações locais, contribuir fortemente para a resolução dos problemas globais.

Desenvolvimento Sustentável, apesar de conceitualmente ambíguo, remete também à discussão da degradação ambiental e, com muito mais propriedade, às causas da pobreza e da busca de padrões de produção e consumo dentro dos limites da capacidade física de renovação dos ecossistemas. Nesse caso, deveríamos estar na condição de consumidores e não de consumidos pela voracidade de um processo global de mercantilização da vida e dos recursos naturais.

A incapacidade de perceber os benefícios da pluralidade de modelos de desenvolvimento para além do pensamento do crescimento econômico dificultou a emergência de um pensar e agir localmente em bases territoriais. Dessa forma, a preservação das identidades culturais das populações locais e a diversidade ambiental são componentes fundamentais para tornar possível o desenvolvimento sustentável em escala local e, da sua somatória, viabilizar o desenvolvimento em escala global.

Práticas de uso da natureza que revalorizem as culturas de diferentes estilos étnicos devem ser recuperadas por se constituírem em elementos alternativos a uma racionalidade global que homogeneiza e domina sem avaliar seus efeitos nefastos na população e no ambiente.

Tanto as particularidades sócio-culturais quanto as formas de apropriação dos recursos naturais têm a finalidade de orientar as pesquisas por tecnologias mais condizentes com as possibilidades dos agroecossistemas singulares e particularizados. É, portanto, importante um desenvolvimento de técnicas para as condições de produção localizadas, num processo interior de mudanças a partir do local. Pensar localmente e agir localmente parece estar mais de acordo com propostas de desenvolvimento sustentável, pois técnicas e práticas bem sucedidas em um país não necessariamente serão as melhores em outros.

Hoje, em países subdesenvolvidos, não existe qualquer política científico-tecnológica voltada ao desenvolvimento sustentável, com o intuito de gerar conhecimentos próprios mais de acordo com o aproveitamento dos recursos humanos e da natureza, de forma autônoma, considerando os limites e possibilidades de exploração. Há uma monotonia das paisagens de cultivo em um campo vazio de pessoas.

A atual crise econômica e ambiental abre espaços para um repensar e reformular o paradigma produtivo e econômico de prevalência sobre os recursos ambientais e sócio-culturais em direção à sustentabilidade.

Assim, pensar e agir localmente levará a um "agir globalmente", porque cuidar do agroecossistema local é cuidar do seu território, cuidar do território é cuidar da Nação e, portanto, é cuidar do mundo globalizado.

Para os assentamentos rurais torna-se vital estimular proposições de políticas públicas baseadas na Agroecologia enquanto modelo transformador da base técnica e da realidade de pobreza dos agricultores para uma vida mais digna.

Políticas públicas e investimentos generosos em ciência e inovação em modelos endógenos, tendo por base o marco teórico da Agroecologia como eixo central das modificações necessárias, sem dúvidas, acrescem as possibilidades de mudanças. As possibilidades de transformação aumentam, ainda que o futuro dos assentamentos rurais permanece incerto.

Referências

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para una agricultura sustentable. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad, 1999

CAPORAL, FR; COSTABEBER, JA 2002. Análise Multidimensional da Sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia.

Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.3, n.13, jul/set.

CASADO, MOLINA, SEVILHA-GUZMÁN **Introducción a la Agroecología como Desarrollo Rural Sostenible**, Madrid: Ediciones Mundi-Prensa, 2000.

GLIESMANN, Stephen R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Trad.: Maria José Guazzelli. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

LEFF, E. **Limite y desafíos de la dominación hegemónica**: La Geopolítica de la Biodiversidad y el Desarrollo Sustentable: economización del mundo, racionalidad ambiental y reapropiación social de la naturaleza. CECEÑA y SADER (comp.). Buenos Aires: CLACSO, 2002.

NORGAARD, R.; SIKOR, T. O. Metodología y práctica de la agroecología. In: ALTIERI, M. **Agroecología: bases científicas para una agricultura sustentable**. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad, 1999.

PLOEG, Van der J. D. **Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008 (Coleção Estudos Rurais)

REMMERS, G. El Desarrollo Endógeno en Zonas Rurales: acertando en un blanco móvil. In: **Introducción a la Agroecología como Desarrollo Rural Sostenible**, Guzmán Casado, G; Gonzáles de Molina, M.; Sevilla Guzmán, E. (eds) Madrid: Mundiprensa, cap 15, pág411-429, 2000.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 409p.

STIGLITZ, J. E. **A globalização e seus malefícios: a promessa não cumprida dos benefícios globais**. São Paulo: Futura, 2002.